



# Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma... a *live* não para

Tássio Acosta<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho, pensado de forma mais livre e plural, busca analisar a emergência das *lives* artísticas e intelectuais no contexto pandêmico do novo coronavírus e a possibilidade recreativa que elas catalisam para o isolamento social neste contexto. Para isso, tensiona-se as críticas realizadas pelo governo Bolsonaro aos setores culturais e acadêmicos ao mesmo tempo em que tais setores mostram-se imprescindíveis, tanto para o fazer educacional como para o fazer cultural à medida em que informam e entretêm. As seções estão organizadas a partir de trechos da música 'Paciência' de Lenine, no intuito de explorar a intersecção entre arte e conhecimento acadêmico-científico, proporcionados nas inúmeras *lives* realizadas.

**Palavras-Chave:** *Live*. Coronavírus. Covid-19. Cultura. Educação

**Even when things are in need to be calmer, even when the body is in need for more soul to be awarded, live transmissions keep on being spotted**

**Abstract:** This work, thought in a more spared and diversified way, seeks to analyze the emergence of artistic and intellectual live transmissions within the new Coronavirus pandemic as well as its recreational power as they catalyze social distancing practices in this context. To this end, the criticism levelled by Bolsonaro's government regarding cultural and academic sectors seems out of sync as, simultaneously, the need for both sectors prove to be even more essential for cultural and academical production, since they can inform and entertain. The sections are organized after excerpts from the lyrics of a song by Lenine, "*Paciência*", aiming to explore the intersection between art and the scholar-scientific knowledge that arise within several live transmissions.

**Keywords:** Live transmissions. Covid-19. Culture. Education. Life.

<sup>1</sup> Docente da Universidade Santa Cecília. Doutorando em Educação (Unicamp), Mestre em Educação (UFSCar), Especialista em Ética, Valores e Cidadania na escola (USP), historiador e pedagogo. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças (Impróprias - UFMS) e Coordenador da Linha de Pesquisa SUBJETIVIDADES - gêneros, sexualidades e diferenças (Unisanta). Suas áreas de pesquisa são: relações de gêneros, sexualidades e diferenças na escola e seus consequentes processos de subjetivação. São Paulo - SP - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1608-4363>. E-mail: [tassioacosta@gmail.com](mailto:tassioacosta@gmail.com).



## 1. Uma outra Introdução

Enquanto todo mundo espera a cura do mal. E a loucura finge que isso tudo é normal. Eu finjo ter paciência  
(LENINE, 1999)

Com base no convite para a produção de um ensaio mais livre e desimpedido, uma narrativa possível-, para este dossiê provocativamente intitulado de *(In)cômodos*, muito me perguntei sobre como conseguiria sistematizar os atravessamentos que vêm marcando meu corpo e minha subjetividade neste momento de quarentena e forte movimento anti-ciência.

Estas duas vivências, as quais aqui cunho enquanto *experiências de vida*, são novas para a minha geração, nascida durante a década de 80 e, portanto, pós-ditadura militar (1964-1984), com a Constituição Federal (1988) promulgada, o Real enquanto moeda relativamente segura internacionalmente (1994) e com grande investimento na criação e expansão de universidades e institutos federais (2002-2014). Esses acontecimentos marcam cronologicamente períodos específicos, cada qual em uma década, produzindo um marco histórico, uma *singularidade*.

Entretanto, durante a década de 2010, após uma série de rupturas institucionais com a midiaticização da Lava-Jato, as Jornadas de Junho de 2013, o Golpe de 2016 e a eleição do Presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018, o país passou a experimentar a emergência de novos movimentos na contramão da ciência, como é o caso do movimento anti-vacina e a descrença na ciência em proporções globais que se tornou mais marcante e visível a partir da disseminação do novo coronavírus agora na década de 2020.

Enquanto os Estados adotam a quarentena como forma de minimizar o contágio e assegurar maior fluidez na gerência do risco de sobrecarga do sistema público de saúde pela alta demanda, o Governo Federal propagandeia o fim do isolamento social em nome da saúde financeira do país, mesmo que para isso a saúde de seus habitantes fique em risco. Prioriza-se os CNPJ em detrimento dos CPF (SAKAMOTO, 2020).

Na internet estoura uma guerra de narrativas, disputas de produções de verdade e propagação de *fake news*, onde as vidas aparentam não importar, sejam elas do espectro político da direita ou da esquerda. Ancorados no ódio e na intolerância materializados em ataques raivosos e cegos, a despeito da necessidade urgente de solidariedade e apoio emocional que todos apresentamos, e que parece ter deixada de ser prioritária no Brasil contemporâneo.

## 2. No meio dessa guerra informacional, os mortos

Com o intuito de ficarmos em casa e assim evitar maior disseminação



do vírus entre nossos pares, uma série de *lives* está sendo realizada: sertanejo, sofrência, funk, pagode, rock, MPB (Gil e Caetano já foram, esperamos esperançosos por Bethânia e Chico!!!), do Lula e do Bolsonaro, do Ciro e do Amoedo, até do Boulos, mais risonho, ocorreu. Felipe Neto *parou a internet* ao participar do programa Roda Viva (RODA VIVA..., 2020)<sup>2</sup>, participação que fez surgir uma nova discussão: será que ele realmente se arrependeu dos ataques raivosos que fazia contra a esquerda (principalmente contra o PT) ou apenas está surfando na onda dos ataques contra o bolsonarismo? Enfim, as *lives* nos entretêm e ocupam nosso tempo com discussões, debates e uma forma de lazer em isolamento.

Dentre todas estas *lives*, nunca antes na história desse país uma imensa quantidade de professores se fez presente no debate público direto, para além dos muros universitários e artigos publicados. Explicam temas desconhecidos ou pouco entendidos por parte da sociedade em geral, promovem debates com outros professores e se mostram mais humanos. As *lives* democratizaram o acesso ao ensino de qualidade pelo qual há décadas lutávamos.

De um lado, as transmissões de *lives* mostram-se positivas porque atingem àqueles que há tempos propagam má-fé perante a produção de conhecimento no contexto acadêmico público, tão perseguido, acusado e que, nas palavras do ex-Ministro da Educação Abraham Weintraub, promovem balbúrdias, plantações de maconha e produção de drogas sintéticas, discurso que se soma a ataques do próprio ex-Ministro contra reitores das universidades públicas, em seu *Twitter*<sup>3</sup> (AGOSTINI, 2020)

O rol de benefícios é visível nestas *lives* acadêmicas por caminhar na direção da popularização do conhecimento acadêmico-científico através da internet, de maneira informal e mais aberta. Por outro lado, reflito aqui neste trabalho em tela, sobre como somos cobrados a dar uma resposta imediata para a sociedade por meio destas mesmas *lives*. Em tempos pandêmicos, como lidamos com a nossa saúde mental frente a tamanha cobrança?

Tal qual a importância das artes musicais enquanto forma de entreter as pessoas, como vimos nas *lives* de cantores dos mais variados estilos, as *lives* acadêmicas também têm a sua importância: informar e construir entendimentos outros perante o que vivemos no momento atual.

Será, portanto, a partir desta pergunta-problema, sobre a nossa saúde mental em tempos pandêmicos e as demandas sociais por *lives*, que buscarei pensar um pouco em nossa situação atual, nas demandas cotidianas e nas cobranças em promover uma resposta aos anseios da sociedade em geral, num momento em que muitos estão em suas casas e preocupados com o alastramento incontrolável do coronavírus. Afinal de contas, vivemos um momento de grande aflição marcando nossas subjetividades.

<sup>2</sup> Programa foi ao ar no dia 18 de maio de 2020. Ver Neto (2020a).

<sup>3</sup> Os tuites (posts feitos na plataforma digital) foram apagados, embora sejam facilmente localizados em matérias jornalísticas, mas a fonte primária não é mais possível referenciar.



### 3. Ou um desenvolvimento

Será que é tempo que lhe falta pra perceber  
Será que temos esse tempo pra perder  
E quem quer saber  
A vida é tão rara (tão rara)  
(LENINE, 1999)

A cada passar de semana nos deparamos com números cada vez maiores de pessoas que se infectam ou falecem em decorrência do coronavírus. Chegamos à marca de cento e vinte e cinco mil mortes!<sup>4</sup> Por trás dos nomes, há pessoas, parentes, amigos, profissões e sonhos interrompidos abruptamente. Padecem as almas, os corpos, a coragem. Nos enlutamos, nos calam, ficamos atônitos.

Com esse aumento exponencial do número de infectados e vitimados, e as recomendações cada vez mais expressas por uma ampliação do isolamento social, precisamos buscar possibilidades de resistências para nos acalantar. Contamos com a sorte de artistas e intelectuais promoverem *lives* que nos distraiam com as suas músicas, seus estudos, perspectivas e teorias. Tais quais uma fênix, tiram força de lugares até mesmo desconhecidos para nos propiciar um momento de proximidade, de empatia, de afeto. De paz.

Quando o arquiteto Oscar Niemeyer (2007) afirmou que *a vida é um sopro*, pouco associamos ao nosso cotidiano, principalmente porque a frase veio de alguém centenário. Como podemos associar a vida ser rápida, um sopro, quando o seu autor morreu há poucos dias de completar cento e cinco anos? Dificilmente olharíamos para as nossas vidas imaginando que elas também poderiam ser um sopro. Mas são.

Será que fizemos tudo o que deveríamos, o que gostaríamos e ansiamos? Será que nossos objetivos pessoais foram cumpridos e nos sentimos realizados ao olharmos para trás e assistirmos às nossas práticas?

Ah! Quando essas perguntas – muitas vezes sem respostas – nos rondam, logo podemos nos lembrar de Chico Buarque (1993) cantando *Futuros Amantes* onde, em suas duas primeiras linhas do primeiro verso inicial, afirma: “não se afobe, não; que nada é pra já...”. Seria melhor aceitarmos as condições das vidas, as suas descontinuidades e suas fugas?

O icônico Renato Russo (1986), outro cantor e letrista que nos ajuda a pensar os tempos pandêmicos que vivemos, na última linha do primeiro verso de *Tempo Perdido*, com a sua Legião Urbana, lembrou-nos que “temos todo tempo do mundo” e, por isso, temos condições de olharmos para as nossas práticas e repensarmos nossas atitudes. Entende-se aqui, portanto, que a pandemia do novo coronavírus atravessou nossos corpos e produziu novas subjetividades, não melhores e nem piores, apenas outras. Será que devemos no afobar por não termos mais todo tempo do mundo? Não sei mais.

<sup>4</sup>Dados consolidados no momento do envio final do artigo, dia 4 de setembro de 2020.



O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2008, p. 421) pontuou que “temos a arte para não morrer perante a verdade”, uma vez que a realidade tal qual se apresenta para nós é o resultado de todas as relações de poder que temos em nossos cotidianos, atravessando em meio a produção do saber e produzindo, assim, corpos disciplinados e normatizados, mas também corpos que resistem e escapam. Ao mesmo tempo, reconhece-se na própria arte o seu grau de agenciamento e de governo, uma vez que a arte está dentro de uma dada sociedade e ela tem seus valores, suas referências.

Se todos somos governados, por que não nos tornarmos corpos ingovernáveis? Se a relação do saber e poder busca produzir corpos disciplinados, por que não nos tornarmos indisciplinados? Em tempos pandêmicos, onde produzimos *relações outras*, será esse um grande momento para pensarmos as nossas ações, as nossas práticas e assim produzirmos *modos outros de viver? Estéticas outras de vida?*

Como se pode ver, estou construindo um amplo arsenal de perguntas que não tenciono responder aqui, mesmo porque não é possível obter tais respostas em meio às produções que dispomos, estamos no momento presente, no gerúndio e com nossas vidas sob riscos. Estes questionamentos são frutos do tempo histórico em que vivemos, neste presentíssimo, nesta história imediata, e só conseguiremos pensar em respostas possíveis a partir do nosso cotidiano – ou daquilo que entendíamos enquanto tal e muito provavelmente estará diferente quando saímos de nossas casas e retomarmos aos nossos trabalhos, às rodas de amigos e encontros familiares e nos depararmos com uma outra sociedade, pós-coronavírus.

Um fato é incontestável para todos nós: a vida que levávamos anteriormente não existirá mais. Podemos nos tornar mais solidários com nossos pares ou até mesmo ainda mais individualistas, sem nos preocuparmos com o outro – uma vez que este outro deixou de se fazer presente em nossos cotidianos de isolamento e passou a ser números estatísticos de recuperados, infectados e mortos. Mas, ao mesmo tempo, pode ser que, em virtude deste mesmo período de isolamento, nossos corpos sintam a necessidade de outros corpos, de uma retomada maior do contato físico e que redes de solidariedades sejam construídas. Estas duas pontas da mesma corda podem se fazer presentes no mundo pós-pandêmico. Não me arrisco ao exercício de futurologia, a internet é voraz em remoer o passado para atacar o presente, mesmo que para isso descontextualize ou direcione a interpretação ao seu interesse; o importante é o ataque em troca dos *likes*.

Imaginávamos que as relações sociais mudariam com a retomada de uma tentativa de normalidade, mas o que vimos na França, país fortemente atingido pelo coronavírus, foi exatamente o oposto. Cidadãos formaram filas nas lojas de departamento e de eletroeletrônicos como a *Zara*, *Fnac* e *Primark* para consumir (DÉCONFINEMENT en..., 2020). O mesmo ocorreu em um shopping de Blumenau, região Sul do Brasil, onde os consumidores



foram recebidos com salva de palmas dos trabalhadores do estabelecimento comercial ao som de um saxofonista, muito nos lembrando a cena final do Titanic (SHOPPING DE BLUMENAU..., 2020). Conforme destacado em matéria do Universo On-Line (LOPES, 2020, texto eletrônico), “em meio a aberturas, Sul vê casos de coronavírus subirem 86% em uma semana”.

Se de um lado a economia agradece com tais suspiros de retomada de circulação de capital, ao mesmo tempo nos indagamos sobre a intensidade de mudanças que o coronavírus produz em nossas subjetividades. Ora, será que com todo esse caos social as pessoas passaram a pensar ainda mais em si mesmas e em comprar produtos para ocupar seus espaços vazios internos como cabides sem roupas?

Sem dúvidas devemos recuperar Nietzsche (2008, p. 421) com a já citada frase “temos a arte para não morrer perante a verdade”, pois, pelo visto, a verdade “esfregada em nossos rostos”, com as filas nas portas das unidades francesas das lojas *Zara*, *Fnac* e *Primark*, podem nos indicar que o individualismo se fará ainda mais presente em nossas relações interpessoais. Tomara que eu esteja errado e nos tornemos mais solidários, ao menos aqui, banhados no calor dos trópicos.

Como já pontuado, buscar produzir respostas frente às necessidades da sociedade e tentar pensar em novas possibilidades sociais em meio ao caos pandêmico é uma tarefa árdua – e quase impossível –, mas o convite a pensar a questão e conseqüentemente produzir este trabalho não pode ser negado, sobretudo em tempos atuais, quando também estou trancado em meu apartamento há sete meses, e contando...

Na edição passada deste mesmo periódico, intitulada *Narrativas em disputa: as políticas públicas brasileiras entre continuidades e descontinuidades*, uma série de artigos foi publicada para debater os problemas atuais. Atente-me aqui ao seu editorial, onde o [comb]ativo comitê editorial pontua que “essa pandemia vem, assim, escancarar a miséria, as desigualdades, as insuficiências, as falas descabidas, a indignação. Vem escancarar - e também reforçar - um não futuro, dilapidando as utopias e os horizontes imaginativos” (ÁSKESIS, 2019, s/p). Se a vida é um sopro, quando suspiramos?

Cada uma busca, à sua maneira, uma forma de suspirar, de acalantar suas almas em tempos pandêmicos de isolamento. Obviamente, as empresas também aproveitam desse momento para faturar alto promovendo *lives* patrocinadas – mas isso é um outro ponto em que não me detenho aqui, mas que vale a pena pontuar. Buscarei, nesta rota final de escrita, pensar sobre como nos adequamos e acionamos mecanismos de compensação para o bem de nossa saúde mental.

Quebras de paradigmas foram vivenciadas por todos nós. O musicista Roberto Carlos, com seu amplo histórico de Transtornos Obsessivos Compulsivos (TOC), superou muitas dificuldades e realizou *lives* quebrando tradição e recomendando um isolamento radical (ROBERTO CARLOS..., 2020),



o rapper Emicida mandou ‘um salve’ para Gabriela Pugliesi por ter realizado uma festa durante a quarentena e afirmou que ela ‘lançou tendência’, após, no casamento de sua irmã, diversos casos de coronavírus serem confirmados (EMICIDA MANDA..., 2020). Já Taís Araújo e Cátia Vieira, representante do Fórum Nacional de Mulheres Negras, preocupadas com o aumento exponencial da violência doméstica durante a quarentena debateram o problema (ARAÚJO, 2020). O músico Lô Borges, pertencente ao Clube da Esquina afirmou que o “isolamento vertical é uma roupada desse irresponsável que está no comando do país” (LÔ BORGES CRITICA..., 2020, texto eletrônico).

No sentido oposto, Marcelo Marcus Fonseca, fundador do Teatro de Incêndio, de São Paulo, criticou<sup>5</sup> as *lives* e vídeos produzidos por artistas interpretando textos clássicos durante a quarentena, uma vez que, para ele, realizar leitura de texto clássico produz um despropósito perante a produção original de um determinado autor. Recomenda, ainda, caso o ator de fato queira interpretar um texto, que produza o seu próprio, mais específico, não utilizando algo já existente e que requer meses de ensaio, conforme pontuado por ele.

Felipe Neto, no dia 9 de maio de 2020, publica, em seu *Twitter*, uma *vídeo-carta aberta para todos os artistas e influenciadores do Brasil* (NETO, 2020), rompendo institucionalmente com diversos artistas e influenciadores digitais brasileiros que se silenciavam frente ao Governo Bolsonaro após inúmeros ataques à democracia, a liberdade de expressão e terem participado de manifestação favorável ao AI-5, em abril do mesmo ano.

Professores universitários vêm produzindo um amplo acervo de *lives* para debater problemas diversos que afligem a sociedade: o projeto Somaterapia<sup>6</sup> convida semanalmente nomes dos anarquistas brasileiros como Silvio Gallo, Margareth Rago e Salete Oliveira. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)<sup>7</sup> promove debates com os professores sobre temas variados. A editora N-1 vem socializando textos de grandes nomes como Daniel Defert, Judith Butler, Jacques Rancière, Achille Mbembe, dentre outros.

Não há dúvidas. Enquanto nos recomendam evitar sair de casa e ter contato físico com outras pessoas, as *lives* entraram em nossas casas e passaram a fazer parte de nossos cotidianos. Sejam elas realizadas por professores ou artistas, mais bem estruturadas e profissionais ou mais amadoras e caseiras, artistas e intelectuais continuaram produzindo cultura e conhecimento combativos.

<sup>5</sup> Ver Fonseca (2020).

<sup>6</sup> O projeto recebe a descrição em sua *Fanpage* (página na plataforma *Facebook*) como “é um processo terapêutico-pedagógico, realizado em grupo e com ênfase na articulação entre o trabalho corporal e o uso da linguagem verbal” (SOMATERAPIA, 2020, texto eletrônico).

<sup>7</sup> O IFSP vem mantendo um canal na plataforma *Youtube*, com endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/user/ifspoficial>.



## 4. Ou uma conclusão

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma. Até quando o corpo pede um pouco mais de alma. Eu sei, a vida não para (LENINE, 1999)

A partir do convite para a escrita de um ensaio mais livre, plural, possível, busquei aqui construir uma análise do contexto atual em que vivemos. Incerto de ter construído uma linha argumentativa num espaço de tempo tão curto, rápido e dinâmico, em que aquilo que vivenciamos ontem não existe mais e o que pretendemos fazer amanhã, talvez não ocorra porque pode nem mais existir, seja porque o responsável pela *live* possa estar contaminado ou porque pode ser atacado pelo Gabinete do Ódio anti-cultura e anti-ciência e/ou pelo tribunal inquisitorial da internet, atentos ao seu 'primeiro deslize'.

Valorizo a iniciativa de artistas em geral, de todas as múltiplas expressões, por suas produções culturais e compartilhamento de suas impressões de mundo atravessadas pelas letras e arranjos musicais, pelas cores dos pincéis e pela perspectiva de quem vê rimas, sons e cores num contexto pandêmico, opaco.

Valorizo também os inúmeros intelectuais que se dedicam a distribuir seus anos de leituras e escritas para compartilhar, por meio de uma câmera de celular e webcam do computador, seus conhecimentos de forma fácil e que possibilite maior comunicação para todos que assistem, sobretudo àqueles não participantes dos bancos acadêmicos e devotados às pesquisas.

Por fim, reconheço a importância das *lives*, ainda que estejamos num momento de grande desgaste emocional, e agradeço a todos aqueles que as realizam e nos acolhem em suas melodias e conhecimentos. Obrigado!

Câmera do celular aqui



Câmera do celular aqui





## Referências bibliográficas

A vida não para não. A vida não para  
A vida é tão rara (LENINE, 1999).

AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já enquadra UnB, UFF e UFBA. **Estadão**, São Paulo, 30 abril 2020. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>. Acesso em: 21 maio 2020.

ARAUJO, Tais. Papo sobre violência doméstica com @clatiavieira. *In*: Taís de verdade, Rio de Janeiro, 21 maio 2020. 51m. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CAd602zgMkx/>. Acesso em: 22 maio 2020.

ASKESIS. Carta às leitoras e aos leitores. **Áskesis**, São Carlos, v.8, n.1, s.p., jan./jun. 2019. Editorial. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/412>. Acesso em: 1 dez. 2020.

DÉCONFINEMENT en France : réouverture des commerces à Paris [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal France 24. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dl4iQRKIAP0>. Acesso em: 22 maio 2020.

EMICIDA. [S.l.: S.n), 2020. 1 vídeo (1m). Publicado pelo canal Sente a pressão show. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sckq\\_3ZbZpA](https://www.youtube.com/watch?v=sckq_3ZbZpA). Acesso em: 22 maio 2020.

FONSECA, Marcelo Marcus. Transmissão ao vivo. Facebook. 10 maio 2020. 7m 53s. Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=538103357097152&id=100026924773477](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=538103357097152&id=100026924773477). Acesso em: 22 maio 2020.

FUTUROS Amantes. [Compositor e intérprete]:Chico Buarque. *In*: Para todos. Intérprete Chico Buarque S.l, 1993. 1 Cd, faixa 9

LOPES, Nathan. Em meio a aberturas, Sul vê casos de coronavírus subirem 86% em uma semana. **UOL**, São Paulo, 20 mai. 2020. Coronavirus. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/26/sul-casos-de-coronavirus-semana-crescimento.htm>. Acesso em: 26 maio 2020.

LÔ BORGES critica Bolsonaro: Isolamento vertical é uma roubada desse irresponsável. **UAI**, Belo Horizonte, 16 maio 2020. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2020/05/16/noticias-musica,258463/lo-borges-critica-bolsonaro-isolamento-vertical-roubada-irresponsavel.shtml>.



Acesso em 22 maio 2020.

NETO, FELIPE. **Vídeo-carta aberta para todos os artistas e influenciadores do Brasil**. 9 maio 2020. Twitter: @felipe neto. Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1259149884629925890>. Acesso em: 22 maio 2020.

NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

OSCAR NIEMEYER. A vida é um sopro. Direção: Fabiano Maciel. Música: João Donato, Berna Ceppas, Kamal Kassim, Felipe Poli. [S.l.], 2007. color.(90min);

PACIÊNCIA. [Compositor e intérprete]: Lenine. *In: Na Pressão*. Intérprete Lenine, [S.l.], 1999. 1 CD, faixa 3 (4 min.)

SAKAMOTO, Leonardo. Covid: Elite vai ao STF mais preocupada com "morte de CNPJs" do que de CPFs. **UOL**, São Paulo, 7 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/05/07/covid-elite-vai-ao-stf-mais-preocupada-com-morte-de-cnpj-s-do-que-de-cpfs.htm>. Acesso em: 21 maio 2020.

ROBERTO CARLOS quebra tradição em 2ª live e defende isolamento "radical". **UOL**, São Paulo, 10 maio 2020. Entretenimento. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/10/live-roberto-carlos-quarentena-dia-das-maes.htm>. Acesso em: 22 mai. 2020.

RODA VIDA/ Felipe Neto | 18/05/2020 [São Paulo, s.n]. Publicado pelo canal RodaVida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQ1CQqNveac>. Acesso em: 22 maio 2020.

SHOPPING DE Blumenau reabre após o governo de Santa Catarina autorizar; [S.l, s.n], 2020. 1 vídeo (1 min.) Publicado pelo canal **UOL**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NoBYGDJoGhc>. Acesso em: 26 maio 2020.

TEMPO perdido. [Compositor e intérprete]: Renato Russo. *In: Dois*. Intérprete Renato Russo [S.l.], 1986. 1 disco vinil, lado A, faixa 6 (5 min).

Agradecimento em especial ao Gabriel Silva Xavier Nascimento pela correção gramatical do texto em tela.



## Como citar este artigo:

ACOSTA, Tassio. Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma... a live não para. **Áskesis**, São Carlos - SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 51-61, dez. 2020.

**ISSN: 2238-3069**

**DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.473>**

Data de submissão do artigo: 28/05/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020